GRUPO MUNICIPAL

Moção por uma comunicação social isenta e imparcial

"Ser pela liberdade não é apenas tirar as correntes de alguém, mas viver de forma que respeite e melhore a liberdade dos outros." Nelson Mandela

A Liberdade de expressão e informação consagrada no Artigo 37.º da Constituição da Republica Portuguesa pressupõe que todos têm o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, bem como o direito de informar, de se informar e de ser informados, sem impedimentos nem discriminações e o exercício destes direitos não pode ser impedido ou limitado por qualquer tipo ou forma de censura.

A Constituição no seu Artigo 38.º garante a liberdade de imprensa e meios de comunicação social, indo mais longe no nº 4 do mesmo artigo, onde refere que o estado tem de assegurar a liberdade e a independência dos órgãos de comunicação social perante o poder político e o poder económico. Para assegurar estes direitos e proceder à Regulação da comunicação social foi criada uma entidade administrativa independente, a qual tem de assegurar não apenas o direito à informação e a liberdade de imprensa, mas o respeito pelos direitos, liberdades e garantias pessoais, de acordo com o Artigo 39.º.

A lei de imprensa cujo Artigo 1.º promove a garantia de liberdade de imprensa nos termos da Constituição e da lei, abrangendo o direito de informar, de se informar e de ser informado, sem impedimentos nem discriminações, apresenta no n.º2 de Artigo 2.º a garantia do direito dos cidadãos a serem informados, nomeadamente através do reconhecimento dos direitos de resposta e de retificação (c) e do respeito pelas normas deontológicas no exercício da atividade jornalística (f).

A liberdade de imprensa tem como únicos limites os que decorrem da Constituição e da lei, de forma a salvaguardar o rigor e a objetividade da informação, a garantir os direitos ao bom nome, à reserva da intimidade da vida privada, à imagem e à palavra dos cidadãos e a defender o interesse público e a ordem democrática, de acordo com o Artigo 3.º. Por outro lado, o n.º1 do Artigo 24.º da Lei de Imprensa refere que tem direito de resposta nas publicações periódicas qualquer pessoa singular ou coletiva, organização, serviço ou organismo público, bem como o titular de qualquer órgão ou responsável por

estabelecimento público, que tiver sido objeto de referências, ainda que indiretas, que possam afetar a sua reputação e boa fama.

Complementando esta lei está o Código deontológico no exercício da atividade jornalística que no n.º1 diz que o jornalista deve relatar os factos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade. Os factos devem ser comprovados, ouvindo as partes com interesses atendíveis no caso. Efetuando a devida distinção entre notícia e opinião, referindo que esta deve ficar bem clara aos olhos do público, concertado com fato das opiniões deverem ser devidamente identificadas ou ser sempre atribuídas, conforme o n.º 7 deste código. Por fim, o n.º11 diz que o jornalista deve recusar funções, tarefas e benefícios suscetíveis de comprometer o seu estatuto de independência e a sua integridade profissional e não deve valer-se da sua condição profissional para noticiar assuntos em que tenha interesse.

Qualquer estado de direito democrático presume o exercício dos direitos fundamentais para o desenvolvimento saudável da vida pública nas suas várias esferas, detendo estes direitos e liberdades limites naturais, os quais decorrem de outros direitos igualmente protegidos pela Constituição. Assim, a liberdade de expressão cessa quando se traduzir numa ofensa injustificada à integridade moral, ao bom nome ou à honra de outra pessoa, garantindo a Constituição, nestes casos, o direito de resposta e de retificação a qualquer pessoa.

Considerando isto, a liberdade de cada um não deve intervir na liberdade do outro sob pena de condicionar todas as outras liberdades e direitos como à cidadania, ao bom nome e reputação, à imagem, à palavra, à reserva da intimidade da vida privada e familiar, consagrados no nº1 do artigo 26º da Constituição da República Portuguesa.

A Liberdade de Expressão e a Liberdade de Imprensa devem ser respeitadas e protegidas, enquanto direitos, nomeadamente para os meios de comunicação social, mas também deve ser respeitada a deontologia, a ética, a independência, a isenção e a seriedade, para que não coloque em causa outros direitos fundamentais e liberdades individuais e coletivas.

O Grupo Municipal do Partido Socialista partilha a opinião do secretário de Estado do Cinema, Audiovisual e Media, Nuno Artur Silva apesentada a quando da sessão de encerramento da conferência "A palavra da imprensa portuguesa", promovida pela Associação Portuguesa de Imprensa, onde sublinhou a necessidade de haver "... consciencialização de todos para distinguirem o que é jornalismo profissional, com qualidades de investigação, de análise e de crítica, rigor e isenção", ao mesmo tempo que se sensibiliza "para aquilo que não é informação, mas opinião em rede amplificada, ou seja, corrente de opinião desinformada". Enfatizou que o Governo, em parceria com as universidades, profissionais do jornalismo e representantes do setor dos média têm o mesmo objetivo, o de promover "a convivência democrática fundada numa comunicação

social livre e uma população formada e capaz de exigir e procurar informação séria". Considerando a desinformação "... uma ameaça séria que pode afetar a credibilidade das instituições democráticas, minando a confiança nessas instituições".

Em suma, com esta moção, o Grupo Municipal do Partido Socialista não pretende condicionar ou exercer qualquer tipo ou forma de censura à produção jornalística séria, independente e isenta, mas repudiar as calúnias, difamações e falsidades reproduzidas sem fundamento nem fontes fidedignas, bem como as opiniões que são ofensivas e lesadoras da honra e bom nome individual e institucional, levando à promoção da desinformação da população, bem como propagação de conteúdos falsos.

Pretendemos apenas que, a informação veiculada pela comunicação social seja o mais isenta e independente possível, respeitando os direitos e liberdades presentes na constituição, cumprindo a Lei de Imprensa, o Código Deontológico dos Jornalistas e as regras impostas pela Entidade Reguladora para Comunicação Social, honrando o direito de resposta e a veracidade da informação publicada, nomeadamente identificando quando é uma opinião pessoal de quando é uma produção jornalística.

Por fim, o grupo municipal do Partido Socialista convida os senhores deputados municipais a refletir sobre o papel da comunicação social na construção da confiança nas instituições democráticas, solicitando a aprovação da moção por uma comunicação social isenta e imparcial.

Tábua, 27 de fevereiro de 2020

Olga Nunes

(Grupo Municipal do Partido Socialista)

GRUPO MUNICIPAL

Período antes da ordem do dia

Sr. Presidente da Assembleia e respectiva mesa, Sr. Presidente e Vereadores do Executivo, Srs. Deputados Municipais, Presidentes de Freguesia e União de Freguesias, comunicação social e demais presentes,

Hoje intervenho com profundo sentimento de pesar, apresentando um Partido Socialista enlutado devido às grandes perdas sofridas na passada semana.

Joaquim Pina Moura, acompanhou António Guterres como seu secretário de Estado-Adjunto sendo posteriormente nomeado Ministro da Economia, por duas vezes Citando Ferro Rodrigues era um "homem de grande valor intelectual, deixa-nos vítima de doença prolongada.

João Ataíde, Juiz Desembargador do Tribunal da Relação de Coimbra, Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz até ao transacto ano, antigo presidente da Comunidade Intermunicipal (CIM) da Região de Coimbra. secretário de Estado do Ambiente na última legislatura, deputado à Assembleia da República eleito pelo círculo de Coimbra … uma figura incontornável, acarinhada, dedicada, humana. Embaixador das terras e gentes da Beira Alta, o Partido Socialista de Tábua qualifica-o como "um amigo de Tábua" parte vítima de doença súbita inesperadamente deixando assim um exemplo de autenticidade.

Cumpre à bancada Partido Socialista desta Assembleia remeter as mais sentidas condolências a familiares e amigos destes nossos camaradas e propor um voto de pesar.

Tábua, 27 de Fevereiro de 2020

Marta André de Lima

(*Grupo Municipal do Partido Socialista*)

REFLEXÃO SOBRE A JUVENTUDE E O PODER LOCAL

Caros Deputados Municipais, Ilustres Convidados

No meu primeiro discurso nesta assembleia falei da **diferença de gerações**, no segundo já não me lembro, no terceiro sobre natalidade, agora venho falar da **juventude** e não irei terminar sem ir visitar um lar da terceira idade.

Segundo o escritor alemão Johann Goethe, *"A juventude é a embriaguez sem vinho"* e segundo um filósofo americano, Eric Hoffer: *"A doença do nosso tempo é os jovens estarem ocupados a ensinar-nos que não têm tempo para aprender"*.

Ser jovem é muito sobrestimado, uma vez que passa rapidamente com a idade e todos já passaram por essa situação.

Os jovens devem ambicionar o poder! Devem ocupar o poder! Mas também devem merecê-lo... e conforme disse António Barreto, *"Portugal precisa de muito mais meritocracia e de muito menos coletivismo"*.

Na minha tomada de posse, entre outras promessas prontamente esquecidas pelas pessoas mais atentas e sérias ou menos dadas aos desafios, sugeri **"uma viagem de finalistas a Ibiza para cada tabuense que fizer 70 anos!"**.

Não me passou pela cabeça naturalmente que outros preferissem o Algarve, pretendia era dar a entender que os jovens merecem uma oportunidade, mas para isso os mais velhos (como eu) têm de deixar o lugar aos mais novos (como eu também, comparado com outros).

E esta é a questão? Quem é que se considera velho (cansado, antiquado, mal informado, doente, paralítico mental mesmo) para deixar o lugar?

Basta a limitação de mandatos? Esta limitação tem lógica? Então não valia mais ter prolongado o mandato do Obama?

Na visita que fiz à Escola Secundária de Tábua, coloquei a questão aos meus convidados sobre a idade limite para votar, sabendo que um jovem de 16 anos não pode votar, mas um doente de Alzheimer ainda o pode fazer.

Nunca se sabe o que vai na cabeça dos outros, mas da minha parte e pelo que me apercebi das conversas e das experiências dos nossos convidados, tenho plena confiança no futuro de Tábua, partindo também do princípio que todos os que têm menos um ano do que eu são jovens e que para ano temos todos mais experiência...

De facto, no jornal Expresso li dois artigos sobre os resultados das últimas eleições legislativas, um dizia **"Há mais jovens a ocupar os lugares da assembleia da república"**, congratulando-se assim por haver mais juventude no Parlamento, mas outro artigo, comparando a idade total dos deputados, dizia **"Portugal perde mil anos de experiência"**. Ficamos em quê? Os jovens são precisos ou não?

A democracia só está em risco quando a riscamos das nossas prioridades, tal como quando os namorados dão as conquistas como garantidas e esquecem-se que o mundo dá muitas voltas...

Não acredito em modernices como ser intolerante, tribalista, belicista, populista, ter falta de privacidade com as redes sociais e defender a igualdade de género mas não a de oportunidades, é como aqueles membros das claques de futebol que apenas são racistas com os jogadores dos outros clubes.

Gosto de ler jornais em papel e de tirar fotografias sem composições e não gosto de pagar a crédito nem de mandar mensagens com textos curtos, parecendo não ter tempo ou não saber escrever.

Os jovens não têm de ser politicamente corretos, não precisam de andar ao centro, podem entrar em confusões e até praticar o sofisma, mas como fazer quando querem ocupar o poder?

Defender a habitação, educação e saúde para todos parece-me quase todo um orçamento, terá então cabimento um orçamento participativo para e/ou feito pelos chamados jovens?

Há dinheiro para gastar com quem ainda não sabe quanto custa? Poderemos aceitar opções sobre gastos públicos de quem nunca teve de escolher a não ser o melhor caminho para chegar a casa?

Também sei que já não há empregos para toda a vida e que a Família não tem de ser o centro do mundo, mas mudança não significa aceitar os excessos, de direita ou de esquerda, se é que alguém se preocupa em distingui-los.

Na dúvida, mais vale ser um conservador de vanguarda do que manter uma falsa esperança num futuro diferente.

O passado dá-nos sempre lições para melhor viver o presente e continuar a ser jovem no futuro implica fazer as previsões certas, ainda que reconheça não ser fácil viver sem dogmas ou ilusões.

Os jovens aprendem cada vez mais técnicas e podem viver sozinhos (alguns) com as suas exclusivas preocupações de beleza física, de moda e de consumo, mas será que estão preparados para as consequências?

Será que não vão ter vergonha das suas futuras desilusões ou fraquezas ao criar hábitos de vida sem grandes horizontes? Esquecer a política e consequentemente o poder para poderem conquistar um espaço onde realizem a sua identidade sem influência de terceiros?

Viver de aparências nunca será um estilo de vida e ninguém consegue viver, nem vive, sozinho, daí as enormes preocupações dos jovens com as alterações climáticas.

Sabemos que a economia global massificou os desejos e que o pragmatismo derrotou os Hippies, trocando as boleias pelo turismo de sofá, mas há qualquer coisa de cínico neste meu raciocínio, pois só quem não está bem se preocupa com revoluções e compreendo que não valha a pena lutar para manter um emprego mal pago.

Os jovens preferem trabalhar para viver num T2 próprio ou manter-se desempregados porque vivem em casa dos pais? Será mesmo uma questão de preferência ou uma necessidade real? Manter a ausência de projetos para não esgotar os limites? Votar aos 16 anos não irá apenas aumentar a abstenção?

Não haver distinções entre novos e velhos significa que acabaram as diferenças entre gerações? É preciso uma guerra para haver sentido de Estado? Se não houver diferenças acaba a democracia?

Segundo o controverso artista **Banksy**, "*Os maiores crimes não são cometidos pelas pessoas que quebram as regras mas pelas pessoas que as cumprem. São pessoas que cumprem as regras que lançam bombas e massacram aldeias*".

Para votar e legitimar o poder, seja ele local ou central, não é preciso ter um esgotamento, nem tirar um curso superior, basta ter esperança!

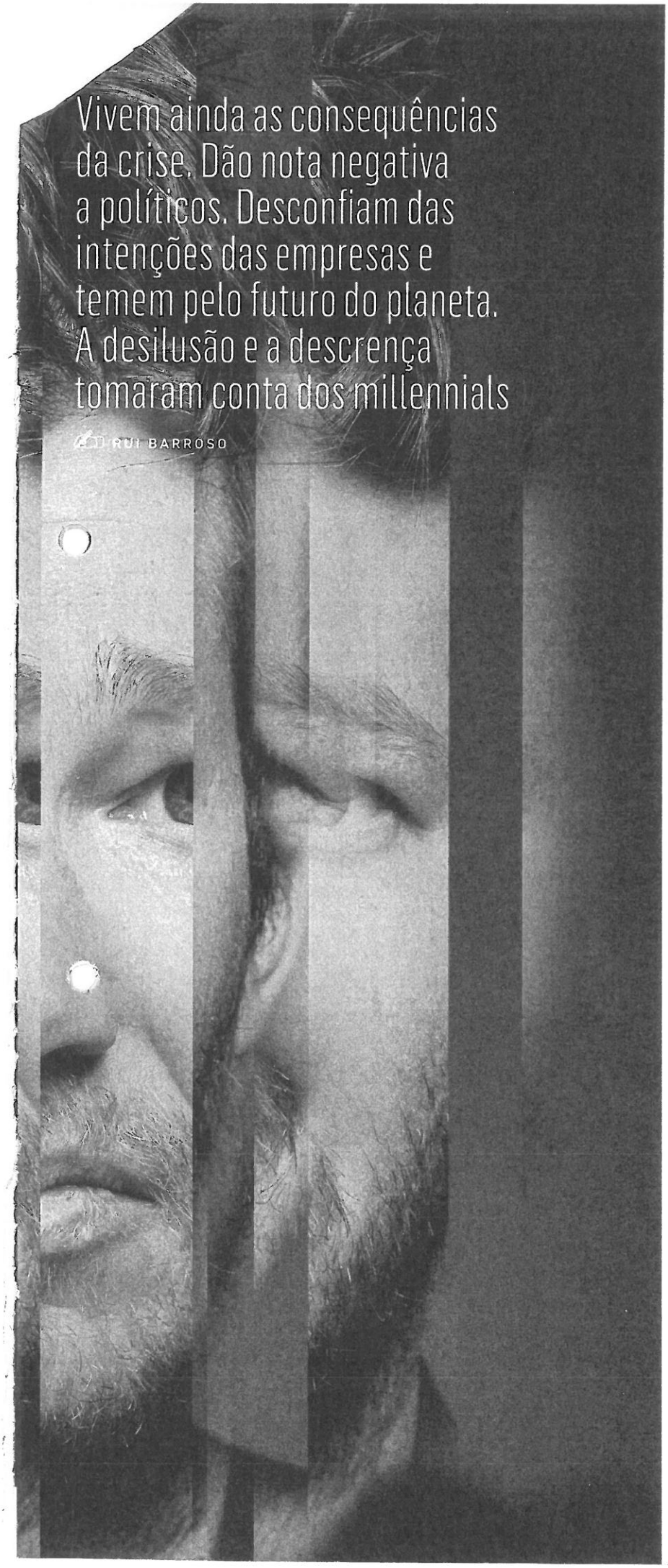
E há esperança quando vemos os mais novos a participar nos nossos projetos, têm é de ser deles também e por isso o convite a participarem na nossa assembleia municipal e da forma que entenderem.

Segundo o Dalai-Lama "*a única coisa que importa é colocar em prática, com sinceridade e seriedade, aquilo em que se acredita*".

A cultura popular está cheia de heróis e de mitos, na última versão do filme «Assim Nasce uma Estrela»/A Star is Born», o músico Jackson Maine, interpretado pelo Bradley Cooper disse à sua mulher Ally, artista em ascensão, interpretada pela Lady Gaga: "*Tens de perscrutar a tua alma e ser genuína, se não fores verdadeira, estás lixada "fucked". Tens de aproveitar a fama, não peças desculpa, não te preocupes com o porquê, nem com o tempo que vai durar e limita-te a dizer o que queres dizer*", o que eu percebi foi, canta enquanto tiveres alguma coisa a dizer...

Termino com uma frase de um ator americano, Ethan Hawke que numa entrevista disse o seguinte: "*Quanto tentamos dar conselhos aos jovens é a mesma coisa que dizer que somos uns idiotas. Se eles estiverem interessados, perguntam*".

Um abraço a todos,



Vivem ainda as consequências da crise. Dão nota negativa a políticos. Desconfiam das intenções das empresas e temem pelo futuro do planeta. A desilusão e a descrença tomaram conta dos millennials

RUI BARROSO

GETTY IMAGES

As gerações são também as suas circunstâncias e as que envolvem os *millennials* levaram a sentimentos de descrença e desilusão. A grande recessão originada pela crise financeira de 2008 moldou a forma como se vê o mundo e se perspetiva o futuro. E os tumultos sociais e políticos dos últimos anos não ajudaram a acender o otimismo e a esperança aos que nasceram entre janeiro de 1983 e dezembro de 1994.

"Porque estão as gerações mais novas preenchidas de desconfiança em vez de otimismo? Talvez porque estão perpetuamente apanhadas no fogo cruzado de tumultos sociais, políticos e económicos", refere a consultora Deloitte na edição deste ano do *Global Millennial Survey*, um estudo que envolveu inquéritos a 13 416 *millennials* de 42 países. O inquérito abrangeu ainda 3 009 pessoas nascidas entre janeiro de 1995 e dezembro de 2002, a chamada geração Z.

Diogo Santos, partner da Deloitte, explica à VISÃO que "a barreira de ceticismo e descrença que as novas gerações têm perante as diferentes instituições tem origem em múltiplos fatores, como sejam a crise financeira do final da década de 2000, falências de grandes empresas, instabilidade social e política, e terrorismo à escala global". A grande recessão originada pela crise financeira de 2008 ainda causa estragos. "Há estudos a sugerir que a entrada no mercado de trabalho durante a recessão tem efeitos negativos nos salários subsequentes e no percurso da carreira", indica a Deloitte. No caso dos EUA, por exemplo, a consultora indica que "os *millennials* que entraram no mercado de trabalho durante a recessão ou nos anos de crescimento fraco que se seguiram tiveram menos melhorias económicas na sua primeira década na vida ativa do que qualquer das outras gerações".

Nos últimos anos, as maiores economias mundiais têm-se regenerado. Mas, dos inquéritos que fez, a Deloitte conclui que "apesar da atual expansão e de oportunidades económicas, os *millennials* têm expressado inquietação e pessimismo – sobre as suas carreiras, as suas vidas em geral e sobre o mundo à sua volta".

Mas a descrença e o pessimismo dos

O que pensam as gerações mais novas?

Os *millennials* e a geração Z mostram-se cada vez mais pessimistas sobre a evolução da economia e da sociedade. O ambiente, a desigualdade e o desemprego estão no topo das suas preocupações



FONTE 2019 Deloitte Global Millennial Survey

millennials vai além da situação económica. "Contrariamente ao pós-guerra da década de 1950 – caracterizado pela cooperação internacional, o *baby boom* e a expansão económica que beneficiou a maioria –, a última década foi marcada pela subida acentuada da desigualdade económica, pela redução das redes de segurança social, por governos isolados e disfuncionais, pelo maior tribalismo alimentado pelas redes sociais e pelas alterações radicais nos contratos entre empregados e empregadores", detalha a consultora.

Circunstâncias que provocam um pessimismo crescente nos *millennials*. "A cada ano, perguntamos aos *millennials* sobre os desafios para a sociedade global e sobre as suas preocupações sociais para percebermos como estão a evoluir. Este ano, assistimos a uma deterioração palpável do otimismo e a um leque alargado de ansiedades, relacionadas com fatores macroeconómicos e do dia a dia, a pesar nas suas mentes."

As expectativas de melhoria da situação financeira são reduzidas. E isso altera as prioridades das gerações mais novas. "Esta realidade cria nas novas gerações uma nova matriz de ambições, na qual viajar e conhecer o mundo e ter salários elevados se sobrepõem, ainda que ligeiramente, a aspetos como adquirir uma casa e constituir família", afirma Diogo Santos.

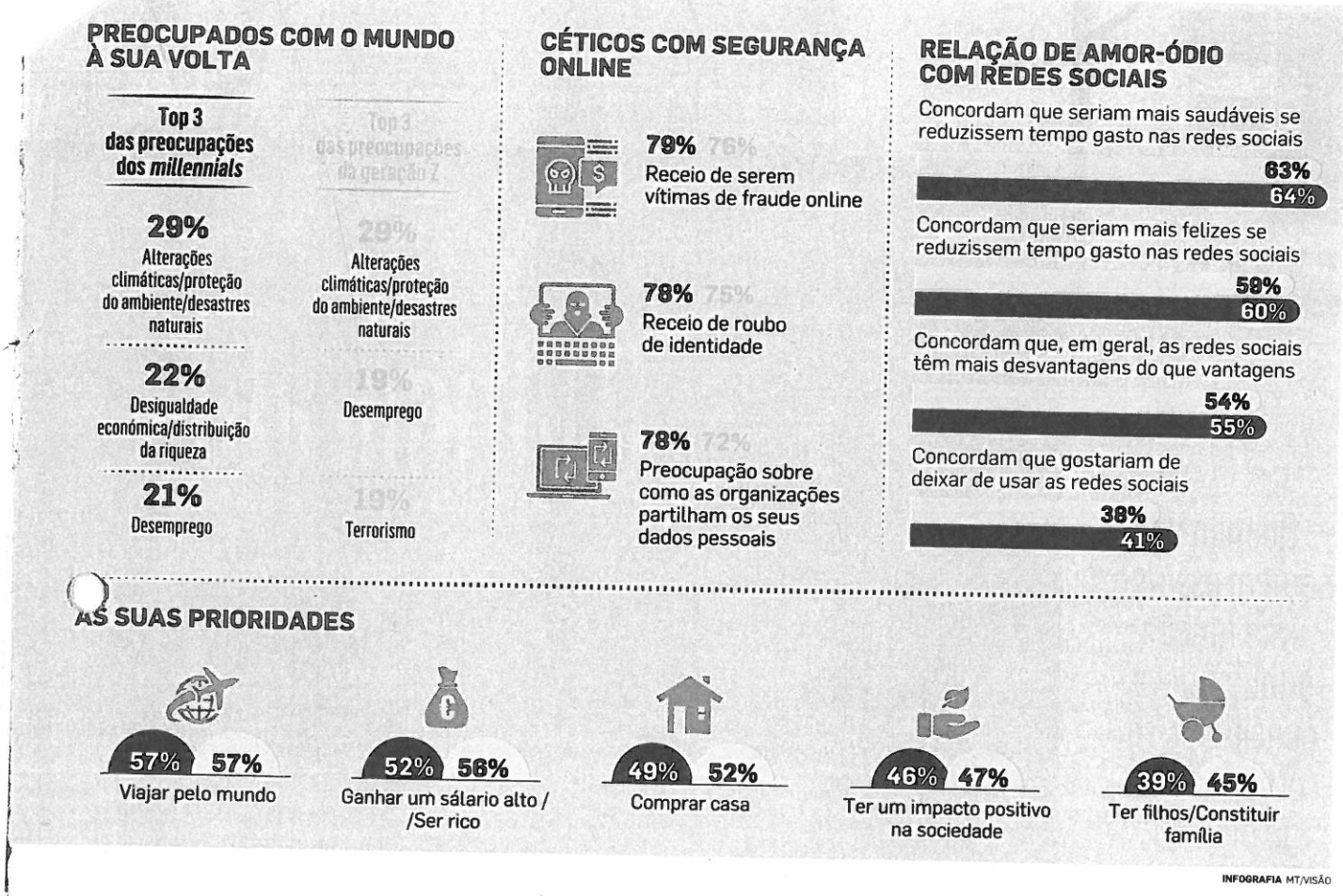
DESCONFIANÇAS E CONVICÇÕES

A desilusão é gerada por um sentimento de insatisfação que sobressai nos inquéritos feitos pela Deloitte. "Não estão particularmente satisfeitos com as suas vidas, situações financeiras, empregos, líderes de governos e empresas, redes sociais e a forma como os seus dados são usados." Assim, é normal que sejam céticos. "Os inquiridos expressam uma forte falta de fé nas instituições tradicionais." Governos, políticos, líderes religiosos e órgãos de comunicação social não inspiram grande confiança aos *millennials*.

> A BARREIRA DE CETICISMO E DESCRENÇA QUE AS NOVAS GERAÇÕES TÊM PERANTE AS DIFERENTES INSTITUIÇÕES TEM ORIGEM EM MÚLTIPLOS FATORES, COMO SEJAM A CRISE FINANCEIRA DO FINAL DA DÉCADA DE 2000, FALÊNCIAS DE GRANDES EMPRESAS, INSTABILIDADE SOCIAL E POLÍTICA E TERRORISMO

Diogo Santos defende que essa desconfiança não implica uma "ausência de referências" por parte dessa geração. Reflete, isso sim, "a opinião negativa que tem de várias instituições". Os números demonstram o grau da desconfiança. Dos participantes no estudo, 73% consideram que os líderes políticos estão a falhar no objetivo de ter um impacto positivo no mundo. Há 66% dos inquiridos que pensam o mesmo dos líderes religiosos e 43% consideram que os média têm um impacto negativo no mundo.

A opinião sobre as empresas também está longe de ser favorável. "Apenas 37% dos *millennials* acreditam que os líderes de empresas têm um impacto positivo no mundo", salienta Diogo Santos. A esmagadora maioria acredita que as empresas querem saber apenas das suas agendas individuais em vez de se focarem na sociedade, e que a única ambição é a maximização do lucro. E isso pode vir a ser um problema para os líderes empresariais que não venham a alinhar-se com os valores das gerações mais novas, já que têm uma maior propensão para



INFOGRAFIA MT/VISÃO

colocar o dinheiro onde têm as convicções. "Falam com as carteiras de formas diferentes das anteriores gerações", constata a Deloitte. "Todos os consumidores são suscetíveis à publicidade e ficam frustrados com serviços ou produtos de fraca qualidade. Mas os *millennials* e a geração Z começam e acabam relações com empresas por razões muito pessoais, muitas vezes devido ao impacto positivo ou negativo que a empresa possa ter na sociedade."

Diogo Santos detalha que "existe uma perceção negativa sobre o contributo das empresas para o top 3 de preocupações das novas gerações: ambiente e alterações climáticas, desigualdades sociais e desemprego. As empresas que sejam capazes de demonstrar um impacto positivo nestas matérias serão mais valorizadas pelos *millennials*". Os líderes empresariais parecem estar a tomar nota. Num outro inquérito da Deloite junto de executivos de empresas, 73% dos responsáveis disseram que as suas organizações desenvolveram ou alteraram produtos e serviços para gerar um impacto social positivo. Boas intenções ou preocupações de negócio? Talvez um pouco das duas.

A relação das novas gerações com as empresas é exigente no que diz respeito ao consumo. Mas pesa menos na perspetiva de carreira. "Estas novas gerações são extremamente pragmáticas na avaliação dos fatores determinantes para a escolha do seu emprego, pelo que a dimensão ética e social das empresas, ainda que seja importante, é largamente superada por fatores como condições financeiras e benefícios", afirma Diogo Santos. A cultura e o ambiente de trabalho, a flexibilidade e as oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento são outras das características que os *millennials* valorizam no emprego.

> "FALAM COM AS CARTEIRAS DE FORMAS DIFERENTES DAS GERAÇÕES ANTERIORES. COMEÇAM E ACABAM RELAÇÕES COM EMPRESAS POR RAZÕES MUITO PESSOAIS, MUITAS VEZES DEVIDO AO IMPACTO POSITIVO OU NEGATIVO QUE ESSES NEGÓCIOS POSSAM TER NA SOCIEDADE

AMOR-ÓDIO NA TECNOLOGIA

As alterações climáticas estão no topo das preocupações das gerações mais novas, como ficou demonstrado este ano pelas centenas de milhares de jovens que fizeram greve pelo clima um pouco por todo o mundo. Mas as novas gerações, apesar de totalmente digitalizadas, temem também pela privacidade e pela utilização que as empresas tecnológicas fazem dos seus dados pessoais.

Apesar de 71% dos *millennials* terem respondido que se sentem bem a utilizar redes sociais ou aparelhos digitais, uma leitura mais fina dos resultados disputa essa conclusão. Cerca de dois terços dos inquiridos admitem que seriam mais saudáveis e felizes se reduzissem o tempo gasto em redes sociais. Mais de metade veem mais fatores negativos do que positivos nessas plataformas. E quatro em dez confessam que desejam abandonar as redes sociais. O problema é que ficar desligado durante apenas um ou dois dias é uma causa de ansiedade para quase metade dos *millennials* inquiridos. Ou seja, reconhecem que é um problema e querem uma solução. Mas daí até à ação vai um longo caminho.

visao@visao.pt

Boa tarde a todos, o meu nome é Matilde Nobre fui escolhida para representar os alunos da Escola Secundária de Tábua. Antes de mais queria começar por cumprimentar os deputados, os membros da mesa e os restantes presentes na figura do senhor presidente da mesa.

Gostaríamos de agradecer o convite, é um prazer estar aqui hoje a abordar alguns assuntos que achamos relevantes para toda a comunidade de jovens do município de tábua.

Estamos conscientes do excelente trabalho que o município de tabua tem vindo a desenvolver nos setores da cultura e do desporto, contudo consideramos que há sempre espaço para melhorias, sobretudo no setor da educação. Embora o apoio da camara tenha sido notório no desenvolvimento de projetos no âmbito escolar inclusivamente ao nível dos transportes. Consideramos que existem aspetos a melhorar sobretudo a nível das infraestruturas, é importante salientar que 36% do tempo diário dos estudantes da escola secundaria de tabua é passado dentro deste estabelecimento e, por isso mesmo, achamos que a autarquia deve preocupar-se um pouco mais em garantir que os alunos tenham asseguradas as condições necessárias neste espaço, que se assemelha a uma segunda casa.

No assunto referente aos assaltos que aconteceram há cerca de um mês constatámos um défice na passagem de informação, colocando em risco a segurança das famílias tabuenses. Por conseguinte achamos importante que em tempos futuros estes acontecimentos sejam abordados de forma mais minuciosa de forma a consciencializar a população aquando da existência de ameaças à segurança pública.

Relativamente à vida política do município de Tábua e ao envolvimento dos jovens tabuenses na mesma, consideramos importante que esta se torne mais atrativa para que adolescentes e jovens adultos como nós se interessem mais em participar e em querer saber mais sobre este assunto.

Os jovens não são só a geração do futuro. São também a geração do presente e, como tal, devem ter um papel indispensável na política. Contamos com o município de tabua para nos integrar nesta fase inicial, que vise despertar o nosso interesse neste setor tao importante da nossa vida futura.

Mas como? Nos sugerimos que assuntos da atualidade que nos afetem, nomeadamente a qualidade do ensino, sejam abordados de forma clara e interativa, periodicamente. Este convite é uma excelente resposta á pergunta que coloquei anteriormente. Estamos num bom começo de uma cooperação certamente frutífera e duradoura.